

## #AconteceucomigoHQ: Relatos de Gordofobia e Pressão Estética em Quadrinhos

*#AconteceucomigoHQ: Fatphobia and Beauty Standards Reports in Comics*

*#AconteceucomigoHQ: Relatos de Gordofobia y Presión Estética en Cómics*

Fabiana GILLET<sup>1</sup>  
Luiz Cezar Silva dos SANTOS<sup>2</sup>

### Resumo

Propomos neste trabalho uma análise sobre as tiras e comentários da *webcomic Aconteceu Comigo* da quadrinista amazonense Laura Athayde, postadas em seu Instagram. A *webcomic* foi criada por Athayde a partir de relatos anônimos de mulheres sobre suas vivências e enfrentamento à diversas opressões, com a tônica do machismo. Destacam-se, para os fins deste estudo, as webtiras que retratam relatos de gordofobia, pressão estética e aceitação corporal, saúde e autoestima com relação ao corpo. A análise se fundamenta em uma perspectiva dos Estudos do Corpo Gordo e da interseccionalidade. Concluímos que há uma legitimação da constante vigilância sobre os corpos gordos, expressa em comentários das pessoas leitoras, evidenciando que o *corpo gordo* ainda é oposto de *corpo livre*.

**Palavras-chave:** *Webcomic*; Gordofobia; Pressão estética; Body positive.

### Abstract

This study propose an analysis of the *webcomic Aconteceu Comigo* Brazilian comic artist Laura Athayde, posted on her Instagram. The *webcomic* was created by Athayde from anonymous reports of women about their experiences facing various oppressions, emphasizing sexism. Stand out, for the purposes of this study, the strips that depict

---

<sup>1</sup> Mestranda bolsista em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará - PPGCOM/UFPA. E-mail: [fabiana.gillet@gmail.com](mailto:fabiana.gillet@gmail.com) - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2788-9634>.

<sup>2</sup> Doutor em História PUC/SP, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA). E-mail: [lzcezar@ufpa.br](mailto:lzcezar@ufpa.br) - ORCID: [0000-0003-0614-3857](https://orcid.org/0000-0003-0614-3857).



---

reports of fatphobia, beauty standards and body acceptance, health and self-esteem in relation to the body. The analysis is based on a perspective of Brazilian Fat Studies and intersectionality. We conclude that there is a legitimation of constant vigilance over fat bodies, expressed in Instagram comments, showing that the fat body is still opposite of body positivity.

**Keywords:** *Webcomic*; Fatphobia; Body standards; Body positive.

## Resumen

Proponemos en este trabajo un análisis sobre las tiras y comentarios de la webcomic *Me pasó de la cómica amazónica Laura Athayde*, publicado en su Instagram. La webcomic fue creada por Athayde a partir de relatos anónimos de mujeres sobre sus vivencias y enfrentamiento a diversas opresiones, con la tónica del machismo. Destacan, para los fines de este estudio, las webtiras que retratan relatos de gordofobia, presión estética y aceptación corporal, salud y autoestima con relación al cuerpo. El análisis se fundamenta en una perspectiva de los Estudios del Cuerpo Gordo y de la interseccionalidad. Concluimos que hay una legitimación de la constante vigilancia sobre los cuerpos gordos, expresada en comentarios de las personas lectoras, evidenciando que el cuerpo gordo aún es opuesto de cuerpo libre.

**Palabras clave:** *Webcomic*; Gordofobia; Presión estética; Body positive.

---

## Introdução

Este trabalho consiste em uma análise sobre os discursos do movimento *body positive* e da antigordofobia a partir da *webcomic Aconteceu Comigo* de autoria da quadrinista amazonense Laura Athayde, considerando as publicações da *webcomic* em seu perfil na rede social Instagram, marcadas com a *hashtag* #aconteceucomigoHQ. As webtiras são baseadas em relatos anônimos de mulheres sobre suas vivências e o enfrentamento a diversas opressões em seu cotidiano, com a tónica do machismo.

Dessa forma, a discussão parte de uma perspectiva dos Estudos do Corpo Gordo, cuja abordagem questiona o paradigma da obesidade e a relação da patologização das corporalidades gordas com a manutenção do preconceito estrutural, a gordofobia, propondo outros modos de olhar e produzir conhecimento sobre essas corporalidades. De caráter transdisciplinar, consideramos a pertinência do tema na Comunicação alinhado ao que diz Arruda (2021), quanto a necessidade do desenvolvimento científico acerca da gordofobia sob a ótica comunicacional, pois considera que “é um preconceito criado, mantido e incentivado pelos meios de comunicação hegemônicos” (ARRUDA,



2021, p. 45). Um preconceito midiaticizado (ARRUDA, 2021), onde os comportamentos preconceituosos retroagem na mídia e sociedade, fomentando o estigma através dos estereótipos. Para a discussão a respeito da pressão estética e gordofobia, dialogamos com Jimenez (2020), Arruda (2021), Sant'Anna (2014, 2016) e Wolf (2020), partindo do conceito de estigma de Goffman (2019).

Considera-se pertinente um diálogo com a perspectiva teórica interseccional, considerando que mesmo que a problemática deste trabalho tenha como fator principal matrizes de opressão ligadas ao corpo gordo (pressão estética e gordofobia), elas não se sobrepõem às outras, como raça, sexualidade etc., que atravessam ao mesmo tempo e de maneiras diferentes a identidade dessas mulheres (CARRERA, 2021. LORDE, 2019a, 2019b. LUGONES, 2019; 2020).

Tendo em vista o contexto midiaticizado a que se refere Sodré (2002) em que se insere a *webcomic Aconteceu Comigo*, abordamos ainda a pertinência do *medium* da internet para a inserção feminina no mercado quadrinístico (MESSIAS, 2018) e para o surgimento de outras formas de interação em que pessoas leitoras ganham papéis mais ativos nas narrativas em quadrinhos (ALMEIDA, 2019).

A partir dessas considerações, questionamos: que relações e tensões existem entre os discursos relacionados ao movimento *body positive* e antigordofobia incutidos nas representações dos relatos anônimos e nos comentários de leitoras nas publicações da *webcomic Aconteceu Comigo* no Instagram? Com objetivo de analisar estes discursos, buscamos a) identificar temáticas relacionadas ao corpo como beleza, aceitação, corpo gordo, gordofobia etc. nas webtiras; b) categorizar as webtiras e comentários alinhados aos discursos do movimento *body positive* ou antigordofobia; c) analisar e comparar estes discursos com intuito de compreender os sentidos e tensões existentes entre eles.

Para identificar as temáticas relacionadas ao corpo, corpo gordo, movimento *body positive* (corpo livre) e gordofobia, categorizá-las e analisar os sentidos e tensões entre os discursos, utilizamos como aporte teórico as contribuições de Cwynar-horta (2016), Wolf (2020), Arruda (2021) e Jimenez (2020), tendo em vista a atenção requerida para que se evitem equívocos entre as especificidades dos movimentos e seus



---

discursos. Contribuiu para a identificação e categorização dos dados a observação das mensagens icônicas e linguísticas das narrativas (JOLY, 2007).

O texto foi dividido em quatro seções. Primeiro buscamos trazer questões relacionadas às *webcomics* como *Outro jeito de fazer e ler quadrinhos*. Em seguida buscamos abordar a *História em quadrinhos sob um olhar interseccional*. Por fim descrevemos a discussão e análise do objeto da pesquisa nas seções *#AconteceucomigoHQ- Relatos de gordofobia e pressão estética* e *Corpo livre x Corpo gordo*.

### **Outro jeito de fazer e ler quadrinhos**

Na sociedade em rede que nos fala Castells (2020), a internet se apresenta como uma rede interativa que integra as diversas modalidades de comunicação humana: escrita, oral e audiovisual. Não surpreende, portanto, que as mais diversas ações e produções humanas tenham passado por modificações, também os quadrinhos, nosso objeto de estudo, diante desta realidade com interações multifacetadas.

Com o desenvolvimento de *softwares* de criação gráfica e de *websites*, redes sociais digitais e aplicativos para aparelhos eletrônicos, surgiram as chamadas *webcomics* que são histórias em quadrinhos criadas por meio de aparatos digitais e difundidas pela Internet. Ainda que existam publicações que hibridizem o analógico e digital através do escaneamento ou fotografia dos quadrinhos desenhados manualmente com a arte-finalização no computador. Para Kleefeld (2020), um fator importante na caracterização de uma *webcomic* é se ela foi pensada para publicação na ambiência da internet e qual a interface utilizada para sua leitura.

As *webcomics* permitem diferentes interações, como apontou Castells, com a integração de diversas modalidades de comunicação. Entretanto, para os fins deste estudo, ressaltamos a interação leitor(a)-quadrinista por intermédio das *webcomics*, sobretudo nas redes sociais, onde as pessoas leitoras podem enviar mensagens (escritas, vídeos, imagens, áudios), com elogios ou críticas, diretamente para quadrinistas sem a mediação de uma editora ou com demasiado tempo de espera para obter resposta. Portanto, além de novas ferramentas de produção para quadrinistas, neste ambiente midiático as pessoas leitoras, no *medium* da Internet, ganham novos



---

papéis mais ativos em relação tanto à narrativa quanto as pessoas autoras, tendo maior interação com as histórias em quadrinhos (ALMEIDA, 2019).

O *medium* caracteriza um tipo particular de interação que Sodré (2002) chama de tecnointeração. O autor aponta que neste contexto tecnointeracional há uma nova forma de ambiência, com seu código e sugestões de condutas que refletem o social. O indivíduo, usuário, consegue de certo modo vivenciar no ambiente digital através das interfaces. Assim, o reflexo ou reprodução não configura uma simples cópia da realidade, porque se caracteriza como uma nova forma de vida, em um novo espaço, com novos parâmetros para a constituição de identidades pessoais (SODRÉ, 2002).

Além de possibilitar essas outras modalidades de interação, considerando leitor(a)-HQ-quadrinista (não necessariamente nessa ordem), ao elencar questões referentes ao mercado quadrinístico e marcadores sociais como gênero, raça e classe, é importante observar que enquanto o meio editorial majoritariamente prioriza produções de autoria branca e cis hétero masculina, a internet, como Castells (2020) indica, por sua característica de autorregulação, propicia uma certa independência de quadrinistas mulheres cis e trans e pessoas não-binárias, das editoras.

No Brasil, observa-se uma amplificação de produções femininas desde meados de 2010 (PAIM, 2020), com papel significativo da Internet, que como afirma Messias (2018), revelou autoras de várias regiões do país, a própria autora uma delas, a qual assina suas publicações quadrinísticas como Carol Ito. Na plataforma Mina de HQ, que atualmente é referência no que diz respeito a divulgação de quadrinistas mulheres e pessoas trans e não-binárias no Brasil, encontra-se um banco de mais de 50 quadrinistas de diferentes regiões do país<sup>3</sup>, que é atualizada a partir da produção de quadrinhos em parceria com a Mina de HQ. No Banco de Mulheres Quadrinistas (BAMQ) da Lady's Comics<sup>4</sup> (última atualização em 2015), que também foi importante plataforma para divulgação de trabalhos de quadrinistas mulheres, encontra-se 62 quadrinistas registradas.

Realizando um levantamento de quadrinistas que atuem na Amazônia ou que residam em outras regiões, mas tenham nascido na região amazônica, encontramos 54

---

<sup>3</sup> Disponível em: Conheça quadrinistas brasileiras • Mina de HQ - Histórias em quadrinhos mais diversas

<sup>4</sup> Disponível em: BAMQ! - Banco de Mulheres Quadrinistas | Lady's Comics (ladyscomics.com.br)



quadrinistas mulheres e uma pessoa não-binária<sup>5</sup>, correspondente a cerca de 90% dos dados nacionais da Lady's Comics em 2015. Indicando um aumento considerável de quadrinistas, ou mesmo a necessidade de uma maior atenção à identificação destas artistas. Neste sentido, cabe ressaltar que além da inserção destas artistas e autoras no mercado de quadrinhos, a internet possibilita certa liberdade para que abordem diferentes temas e gêneros narrativos que muitas vezes são deixados de lado pelo mercado *mainstream*<sup>6</sup>, o qual privilegia representações carregadas de estereótipos de gênero, raça, sexualidade e outros marcadores sociais, que revalidam valores patriarcais brancos e cis heteronormativos.

Um exemplo deste alcance é a HQ *Arlindo* (2022) da quadrinista potiguar Luiza Souza, a Ilustralu, a qual foi inicialmente publicada em formato de *webcomic* no *Twitter*, posteriormente sendo publicada em versão impressa por meio de financiamento coletivo online. A narrativa de *Arlindo*, que se passa no interior do Rio Grande do Norte nos anos 2000, retrata as descobertas do personagem no período da adolescência como uma pessoa LGBT. O quadrinho rendeu cinco indicações da quadrinista na premiação CCXP Awards em 2022, recebendo o prêmio de melhor quadrinho.

Assim, essas produções femininas na internet suscitam não somente diferentes expressões como também identificações por parte das pessoas leitoras, que muitas vezes participam de forma ativa da construção e desdobramentos das narrativas, como no caso de *Arlindo* que ganhou versão impressa pelos pedidos e apoio das pessoas leitoras no *Twitter*, e até mesmo, como veremos no caso da *webcomic Aconteceu Comigo*, tornam-se parte dessas histórias.

### **História em quadrinhos sob um olhar interseccional**

*Aconteceu Comigo* é um projeto criado pela quadrinista amazonense Laura Athayde, que se origina em 2015 a partir do relato da irmã da autora sobre os preconceitos que sofria por ser mulher em um curso da área de ciências exatas, assim

---

<sup>5</sup> Disponível em: Quadrinistas da Amazônia. Levantamento de quadrinistas mulheres... | by Fabiana Gillet | Medium

<sup>6</sup> Se refere a corrente principal do mercado.



a quadrinista passou a se indagar sobre quantas mulheres sofriam ainda com o machismo na academia e quantas poderiam ter desistido de continuar seus estudos por esse motivo. Ela se questionou sobre as várias realidades e vivências femininas que as próprias mulheres desconhecem umas das outras, a exemplo de mulheres brancas que não sofrem racismo, mulheres magras que não sofrem a gordofobia etc. Assim como também sabia que muitas vezes as denúncias são lidas, sobretudo na internet, como vitimização (ATHAYDE, 2020).

Athayde passou então a desenvolver webtiras para suas redes sociais, baseadas em relatos que recebia na sua caixa de mensagens ou através de um formulário anônimo que disponibilizou *online*, com intuito de difundir essas experiências de modo que as pessoas pudessem compreender melhor as demandas das minorias se conhecessem as histórias das pessoas que passam por opressões como o machismo, racismo, LGBTfobia, gordofobia, capacitismo etc. A autora considera que houve uma positiva reação do público que interagiu nos comentários da *webcomic* discutindo e se identificando com as narrativas (ATHAYDE, 2020).

Os relatos resultaram em 70 quadrinhos, publicados primeiramente em formato de *webcomic*, através das webtiras em suas redes sociais com a *hashtag* #aconteceucomigohq<sup>7</sup>, entre os anos de 2015 e 2019. E posteriormente em publicação impressa com a HQ *Aconteceu Comigo: histórias de mulheres reais em quadrinhos* (2020). Buscamos nos aprofundar na *webcomic* com intuito de observar e analisar a interação das pessoas leitoras através dos comentários na rede social Instagram.

Como dito anteriormente, os relatos giram em torno de questões ligadas a preconceitos enfrentados pelas mulheres, sendo a tônica o machismo que afeta a todas, mas que também são atravessadas por outras opressões. Nesse sentido é importante os abordarmos sob uma ótica interseccional, conceito que se origina e se desenvolve a partir da teoria feminista negra (AKOTIRENE, 2021). Compreendendo, assim, que essas opressões não se sobrepõem umas às outras (LORDE, 2019a), elas atravessam as experiências cotidianas dos indivíduos, relacionando-se de diferentes formas. Levando em consideração que os sujeitos são compostos não por uma identidade fixa e

---

<sup>7</sup> ATHAYDE, Laura. [#aconteceucomigohq]. In: Instagram. Disponível em: [#aconteceucomigohq hashtag no Instagram • Fotos e vídeos](#)





---

permanente, mas por várias identidades que podem até ser contraditórias e conflitantes, elas podem, portanto, deslocar o sujeito para diferentes direções em diferentes momentos, de forma provisória, variável e até mesmo problemática (HALL, 2020).

A exemplo dessas diferentes identidades podemos citar as categorias sociais que representam as avenidas identitárias. Carrera (2021), em sua proposta metodológica da roleta interseccional para análises em Comunicação, elenca as seguintes hastes identitárias: gênero, raça, classe, peso, idade, deficiência, geolocalização e sexualidade, buscando não se negligenciar nenhuma inserção imprescindível para análises subjetivas, tendo em vista a pertinência das identificações de gênero, raça e classe, mas também de um aprofundamento sobre as disputas e pressupostos que regem esses marcadores em dado contexto social, histórico e cultural (CARRERA, 2021). É importante considerar ainda, que por mais que uma opressão não se sobreponha a outra, é necessário compreender as especificidades das subjetividades identitárias, em como se relacionam e como se traduzem nas experiências cotidianas e, portanto, no enfrentamento das opressões. Assim, Carrera (2020) salienta a importância da comparação para compreensão dessas marcações sociais e suas diferenças.

Audre Lorde (2019b) aponta uma necessidade de se compreender e, principalmente, reconhecer essas diferenças para que, a partir disso, seja possível convivermos igualmente e examinarmos as distorções que surgem da definição imprecisa dessas distinções ou da imposição de limites intransponíveis entre elas e ainda pior, de uma pretensão da inexistência dessas diferenças. Para a autora e ativista, isso acaba provocando um isolamento voluntário de determinados grupos ou cria vínculos falsos e traiçoeiros

Ou seja, ao invés de nos debruçarmos sobre as diferenças enquanto reconhecimento das alteridades, partimos de uma falsa ideia de semelhança, desconsiderando a heterogeneidade e pluralidade das identidades femininas ao priorizar as opressões sofridas por mulheres partindo de uma ideia única e fixa do que é ser mulher, o que acarreta distorções até mesmo no auto reconhecimento dessas diferenças e portanto na compreensão das tensões existentes entre as experiências das mulheres, por exemplo, a negação de mulheres brancas em reconhecer seus privilégios





---

sociais em comparação a mulheres negras ou ainda, de mulheres magras reconhecerem seus privilégios sociais em comparação a mulheres gordas, etc.

Esta compreensão universal do “ser mulher” parte da organização do mundo pela lógica ocidental da colonialidade/modernidade em “categorias atômicas, homogêneas e separáveis”, que segundo Lugones (2019, p. 357) também balizam o ‘feminismo universalista’ branco ocidental, “a intersecção de raça, classe, sexualidade e gênero extrapola as categorias da modernidade”. Daí a importância de produtos e narrativas como a *webcomic Aconteceu Comigo* que estimula o diálogo a partir do reconhecimento dessas diferenças, visto que como Boff (2014) infere em sua tese, a inserção de mulheres no meio quadrinístico não garante uma participação ou representações plurais dos diferentes grupos sociais minoritários no mercado ou nas narrativas.

### **#AconteceucomigoHQ – Relatos de gordofobia e pressão estética**

Em sua proposta metodológica da roleta interseccional, Carrera (2021) aponta três hastes representativas de avenidas identitárias imprescindíveis ao entendimento de matrizes de opressões relacionadas ao corpo: peso, idade e deficiência. Ela considera que o corpo é fator fundamental no que diz respeito a estigmatização dos sujeitos e chama atenção, portanto, a necessidade de análises que tratem a discussão do corpo sob uma perspectiva interseccional no campo da Comunicação.

O corpo, por sua materialidade, faz com que os atributos físicos dos indivíduos sejam os primeiros percebidos pelas outras pessoas. Assim, é por meio dele que as primeiras informações sobre a identidade social ganham forma e sentido. Goffman (2019) diz que a nossa percepção sobre as identidades sociais tem a ver com determinadas concepções sociais que são definidas como normativas e que quando nos comunicamos com as outras pessoas, de certa forma inconscientemente, buscamos atender a essas exigências a partir dos atributos que demonstram ter ou não, quando determinado atributo não atende as exigências é tido como anormal. Essa característica, ao se tornar determinante e aceita pela maioria dos que são considerados como normais, torna-se um estigma.



Só que o estigma não se trata apenas da definição destas características, mas sim do entendimento de que elas refletem as qualidades morais desse indivíduo (GOFFMAN, 2019. POULAIN, 2013). Assim, Jimenez (2020) aponta o estigma como uma forma de controle social, já que define o que é ou não aceitável na sociedade. Desta forma, os atributos estigmatizados sempre aparecem em evidência nos relatos de opressão sofridas pelas mulheres na *webcomic Aconteceu Comigo*.

No que diz respeito ao eixo deste estudo traremos para o centro da discussão o marcador social de peso. Sant'Anna (2016) ressalta que a história dessas corporalidades demonstra que para além dos discursos estéticos e de saúde, o corpo se tornou a principal carta de identidade pessoal formada pelo sexo, cor de pele, raça, idade e o peso se torna um critério principal para o reconhecimento do melhor ou pior das pessoas.

E porque o corpo gordo não é considerado normal, muito menos belo? O discurso médico, por sua vez, determina como saudável o corpo magro e atribui a gordura caráter de ameaça à saúde. Assim, o corpo gordo ganha estatuto de doença a partir da obesidade. Esse sentido ganha mais força a partir da difusão midiática alarmista que desconsidera as subjetividades, afetos e dimensões culturais quando se há uma normatização do que se considera saudável, e ainda o fator humano de estar suscetível ao longo de sua vida a adoecer e mudar, sejam quais forem seus atributos o que incutiu um verdadeiro medo generalizado de engordar (JIMENEZ, 2020. SANT'ANNA, 2016).

A compreensão do corpo gordo como feio, anormal e doente é reforçada pelos discursos midiáticos embasados pelos discursos médico e da beleza que ao passo que difundem representações e ideias positivas do corpo magro (sucesso, felicidade e poder), determina regimes de visibilidade negativos ao corpo gordo, principalmente ao feminino (fracasso e anormalidade) (ARRUDA, 2021). Para Sant'Anna (2016) as representações do corpo na mídia revelam o medo de ser feio, fraco ou inconveniente. O corpo gordo é, portanto, estigmatizado e sujeito a violências e exclusão, a gordofobia.

A gordofobia é um estigma que invisibiliza os corpos gordos, ocultando-os dos regimes de visibilidade, ou ainda, quando visibilizado são representados através de estereótipos que contribuem para a reestruturação do preconceito, refletido no modo



---

como estes corpos são lidos na sociedade, bem como na limitação de seus espaços nas instâncias físicas e sociais, incluindo o acesso à direitos (ARRUDA, 2021; JIMENEZ, 2020). Os regimes de visibilidade atuam no sentido da mídia tanto tornar visível o já visto quanto poder visibilizar àquilo que está invisibilizado ou oculto (HOFF, 2016), funcionando da seguinte forma:

Ao visibilizar o mesmo, a mídia reforça discursos dominantes, por meio da atualização dos sentidos pré-existentes, num processo de resignificação; por outro lado, ao visibilizar algo que está invisibilizado, a mídia altera seus regimes de visibilidade, embora se mantendo no papel de promotora dos sentidos do consumo (HOFF, 2016, p. 10-11)

Neste sentido, consideramos o entendimento de Arruda (2021b) de que a gordofobia é um problema de comunicação. A autora chama atenção para o modo como o corpo é apreendido no *bios midiático*. O corpo midiaticizado, o corpo modelo irreal (branco, cis heteronormativo, magro, jovem e sem deficiências) contribui para o apagamento do corpo gordo, sendo ele um corpo diferente, entretanto, mais que isso, a pouca visibilidade que lhe é destinada é pautada por representações estereotipadas que vão fomentar o estigma, de modos mais ou menos agressivos.

Este modelo irreal é propagado pelos discursos midiáticos, sendo um dos principais o que impõe a beleza como critério essencial na construção do sujeito-mulher, Wolf (2020) denomina *Mito da Beleza*, que também podemos entender como pressão estética. A autora o aponta como uma ferramenta de controle usada contra as mulheres pelo sistema patriarcal e capitalista. Conforme as mulheres passaram a conquistar direitos nos campos político, social, sexual e médico, essa forma de controle passou a ser instaurada para manter as mulheres sob domínio dos homens. A beleza é então, uma arma política contra as mulheres que impede sua evolução no campo político e social.

Importante destacar que as pautas levantadas por Wolf (2020) englobam mulheres brancas de classe média e alta de sociedades ocidentalizadas, tendo em vista que a autora não faz um recorte de raça, classe e local na sua obra. Neste sentido, entendemos que o mito da beleza incidirá em mulheres racializadas e mulheres pobres em diferentes instâncias e níveis que não são apontados pela autora, mas que conseguimos observar em algumas representações dos relatos em *Aconteceu Comigo*.



---

Neste sentido, nos é importante a sensibilidade analítica proporcionada pela interseccionalidade, que impede reducionismos generalistas da política de identidades (AKOTIRENE, 2021).

Buscando identificar as webtiras cujas temáticas se relacionam aos discursos do movimento *body positive* ou do ativismo antigordofobia, no que se refere ao corpo como beleza, aceitação, corpo gordo, gordofobia etc. nas webtiras, inicialmente realizamos o levantamento da *webcomic* com a hashtag #aconteceucomigoHQ no Instagram utilizando a ferramenta de busca da plataforma, onde 141 publicações estão marcadas pela *hashtag* (até a escrita deste artigo), sendo 55 publicações das webtiras pela autora, e as demais dividindo-se entre compartilhamentos, divulgação do livro impresso, marcações sobre assuntos relacionados e outros.

Para identificar as temáticas, categorizá-las alinhadas aos discursos do movimento *body positive* ou da antigordofobia e analisar os sentidos e tensões entre eles, utilizamos como aporte teórico as contribuições de Cwynar-Horta (2016), Wolf (2020), Arruda (2021) e Jimenez (2020), tendo em vista a atenção requerida para que se evitem equívocos entre as especificidades dos movimentos e seus discursos. Contribuiu para a identificação e categorização dos dados a observação das mensagens icônicas e linguísticas das narrativas (JOLY, 2007), as quais permitiram inferências a partir das representações e termos que orientaram a categorização das webtiras em dois eixos: webtiras que retratam pressão estética e que retratam gordofobia. Exemplos de termos são as *hashtags* das publicações (#gordofobia, #corpolivre, #amorpróprio).

Neste estudo foram levantados 597 comentários de 12 *webcomics* que abordam a temática do corpo, pressão estética e/ou gordofobia<sup>8</sup>. Após categorizar as webtiras entre as que retratam pressão estética (dez) ou gordofobia (duas), foram analisados os comentários buscando indicadores de relações ou tensões existentes entre ambos os discursos. Para isso, a leitura foi feita priorizando a atenção àqueles que interagem ou fomentavam discussão com as demais pessoas leitoras, assim como com a própria quadrinista e considerando em menor peso comentários somente elogiosos, apenas marcação de outras pessoas ou somente comentários de *emojis*.

---

<sup>8</sup> Coletadas através da ferramenta de extensão para o navegador Google Chrome, IGCommentExport, em planilhas do Microsoft Excel.



A relação entre corpo, beleza e aceitação atravessa vários dos relatos retratados em *Aconteceu Comigo*, seja como tema principal ou secundário, como se vê na Figura 1 em que a personagem por ter nascido sem ovários acabou não desenvolvendo determinadas características ditas femininas como um corpo curvilíneo e seios, por este motivo tinha vergonha do seu corpo e após o julgamento de um homem começou a questionar sua própria identidade enquanto mulher. No relato retratado notamos como as percepções acerca da identidade social feminina são definidas pelas designações da materialidade do corpo do que se entende como características de um sexo biológico socialmente construído (LUGONES, 2020). O autoquestionamento da personagem quanto sua identidade feminina causada pela fala do personagem masculino exprime ainda a definição das mulheres em relação ao outro, os homens (a norma).

Figura 1 – Trecho da tira “Não existe ‘mais mulher’, ‘menos mulher’ ou ‘mulher de verdade’. Existem mulheres diferentes”



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Na Figura 2, a personagem passou oito anos sem ir à praia ou piscina por ter vergonha do seu corpo, até que começou a ler e conversar sobre aceitação. Esta temática ganhou popularidade na década de 2010 na internet, sobretudo nas redes sociais, com a difusão de conteúdos e *hashtags* pautados nos discursos de movimentos de aceitação corporal, como o *body positive* (corpo livre), que defende a ideia de que todos os corpos são bonitos, independentemente de suas características.



Figura 2 – Trecho de tira sobre aceitação do corpo



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Na Figura 3 a personagem conseguiu superar problemas de cunho psicológico com tratamento adequado, mas por ter engordado 30 quilos deixou de ser considerada “normal”. Para se tornar sujeito, a mulher gorda, deve ter um fundante repúdio em si mesma (BUTLER, 2019), ou seja, para ser inserida na sociedade essa mulher precisa buscar o emagrecimento, assim ela atesta que está buscando se tornar “normal”.





Figura 3 – Tira “Magreza não é sinônimo de saúde e ser gorda não significa estar doente”



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Na Figura 4 a personagem fala sobre como mesmo estando saudável as pessoas continuam fazendo recomendações para ela emagrecer em nome da saúde e relata a inacessibilidade para os corpos gordos. Ocorre uma vigilância sobre essas corporalidades para que estejam sempre provando que buscam atingir o estatuto da magreza e beleza, principalmente utilizando o discurso médico de saúde, expresso também na fala da personagem no último quadro “em vez de ficar militando, ela devia aproveitar essa força de vontade pra emagrecer!”.





Figura 4 – Tira “Sou gorda, saudável e feliz”



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Das publicações da *webcomic* marcada com a *hashtag* #aconteceucomigoHQ, 12 falam direta ou indiretamente sobre a relação do corpo com autoestima, beleza, saúde e aceitação. Sendo dez que retratam questões da pressão estética e duas que retratam gordofobia.

### Corpo livre x Corpo gordo

As webtiras que demonstram as formas como a pressão estética atinge as mulheres têm uma mensagem que normalmente se aproxima do discurso do movimento *body positive*, que visa uma crítica ao padrão de beleza que fomenta a pressão estética, defendendo a ideia de que todo corpo é belo, com ênfase para corpos



que se distanciam da normatização do corpo branco magro cis heteronormativo jovem e sem deficiência. Assim, suas pautas e ações normalmente são voltadas para a aceitação, autoestima, moda e belezas diversas (JIMENEZ, 2020).

Cwynar-Horta (2016) define *body positive* como qualquer mensagem que questione e critique o padrão de beleza, qualquer ação individual ou coletiva que promova amor-próprio e aceitação da diversidade de corpos. O movimento vem ganhando espaço nas redes sociais, sobretudo no Instagram, desde 2012 a partir da conta e *hashtag* #effyourbeautystandards, criadas pela modelo *plus size* Tess Holliday (CWYNAR-HORTA, 2016). No Brasil o movimento também ficou conhecido pela *hashtag* #corpolivres criada pela jornalista e influenciadora digital Alexandra Gurgel<sup>9</sup>.

Já o movimento antigordofobia, ou ativismo gordo, alinhado ao campo epistemológico dos Estudos do Corpo Gordo, critica a patologização dos corpos gordos a partir do estatuto da obesidade, questiona especificamente a gordofobia que implica na exclusão das pessoas gordas da sociedade com a inacessibilidade em espaços físicos e sociais, assim como em estruturas institucionalizadas como a Escola, Família e Medicina. Este movimento é contrário a estigmatização do corpo gordo (JIMENEZ, 2020). Dessa forma, propomos identificar a partir das interações nos comentários das publicações da *webcomic* se existem discursos que se aproximam das pautas *body positive* e antigordofobia e analisar as relações e tensões que possam existir entre eles.

Algumas questões chamam atenção no conteúdo e discursos implicados nos quadrinhos e comentários de *Aconteceu Comigo*. As webtiras que retratam relatos atravessados por implicações da pressão estética não têm essa temática como tônica em todos os casos. Em seis dos dez quadrinhos havia outros temas como relação abusiva, machismo, lesbofobia e racismo, demonstrando a pertinência de uma perspectiva interseccional, considerando que diferentes hastes se iluminam no giro da roleta interseccional (CARRERA, 2020). Tendo em vista a questão do corpo e beleza estando presentes nesses relatos de outras opressões e experiências demonstra o que Wolf (2020) enfatiza sobre o mito da beleza como controle social sobre as mulheres e seu uso para validação do sujeito-mulher nos moldes da categorização colonial-moderna-capitalista (LUGONES, 2019; 2020). As webtiras com ênfase na questão da

---

<sup>9</sup> Autora dos livros *Pare de se odiar* (2018) e *Comece a se amar* (2021)



---

pressão estética com relação a autoestima convergem na conclusão das narrativas com mensagens positivas de aceitação e amor-próprio, dialogando com o discurso *body positive*.

Destacam-se nos comentários dessas webtiras os que expressam identificação com o relato representado, pelas próprias leitoras (majoritariamente mulheres) e opiniões sobre o assunto tratado na tira. Além disso, as pessoas leitoras também ressaltam em alguns comentários a repercussão da imposição desses padrões para a saúde mental das mulheres que acabam sendo impactadas de diferentes formas como na sua carreira, relações pessoais, entre outros, devido a constante preocupação e deterioração de sua autoestima.

Lindo. Sempre. Apesar de não ter essa condição, também tive muito problema para aceitar meu corpo: sem peito, sem curvas, reto sem nem mesmo ser magro. *Eu me senti um fracasso como mulher* por muito tempo. Hoje sei que nada disso me define. Eu sou eu e me curto. (Comentário no Instagram @ltdathayde, grifos da autora).

Quando leio essas histórias eu fico chocado em como as pessoas podem ser cruéis de forma tão natural, sem perceber o grande impacto psicológico que pode causar na vida dos outros (Comentário no Instagram @ltdathayde).

[A quadrinista, em resposta] [...] Foi justamente por isso que comecei essa série, inclusive. Quero acreditar que o preconceito e a crueldade são fruto da ignorância das pessoas e que, conhecendo um pouco mais da vivência do outro, a empatia segue (Comentário no Instagram @ltdathayde)

Tanto nas webtiras quanto nos comentários há um questionamento sobre a normatização do que são considerados atributos femininos relacionados a estética. O peso também aparece sempre relacionado a sua estética e visualidade. O que também implica em relatos de vergonha.

É cada regra que inventam né? Pra ser mulher tem que desenvolver naturalmente, tem que pintar as unhas e tirar um pedaço minúsculo de pele da unha, e se depilar em x lugares e deixar o cabelo de x tamanho...Eles sempre vão tentar nos diminuir [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde)

Aos 33 anos morro de vergonha de ir à praia, ainda não ultrapassei essa barreira (Comentário no Instagram @ltdathayde)



A webtira da Figura 5 chama atenção por falar diretamente sobre o corpo gordo, mas, sob a ótica da autoestima e aceitação. Ela acaba se relacionando com a da Figura 1, em que a vergonha do corpo ganha destaque tanto no quadrinho quanto nos relatos nos comentários.

Figura 5 – Tira sobre aceitação



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)



Observa-se também que os dois relatos em quadrinhos que retratam especificamente a gordofobia receberam muito mais comentários em comparação aos outros. Em um deles a personagem relata como sofria com problemas de saúde e os superou, mas que não é mais vista como ‘normal’ devido ter engordado 30 quilos (ver Figura 2) e no outro a personagem fala especificamente sobre gordofobia (ver Figura 3), vale ressaltar que o termo é marcado na legenda de ambas as publicações através da *hashtag* #gordofobia pela quadrinista. A primeira webtira recebeu 60 e a segunda 98 comentários (somando-se comentários e respostas).

Essa maior quantidade de interações das pessoas leitoras se explicou no decorrer da análise por uma maior incidência de discussões, relatos e opiniões deixadas nos comentários.

Me identifiquei muito! Nunca tomei remédio, mas *me sentia culpada por ser gorda*. Depois de algum tempo, percebi que eu não tinha que me importar. [...] Refletimos nos outros o que pensamos de nós. Se você está bem consigo, vai incentivar os outros a se aceitarem como são! (Comentário no Instagram @ltdathayde, grifo da autora).

O pior é as pessoas acharem q vc tá "relaxada" e deprimida só pq vc engordou... Mal sabem elas q hj sou muito mais feliz e bem resolvida com meu corpo do q quando era 30 kg mais magra... E só ouvia elogios por isso mesmo estando muito mal por dentro [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Assim como nas próprias webtiras, os comentários abordaram bastante a questão do corpo a partir da haste de peso, relacionando principalmente à saúde. Chamam atenção os relatos e as opiniões contrárias ao sentido de corpo gordo saudável demonstrado nas narrativas, o que gerou algumas discussões.

Não sei onde leram que obesidade não significa estar doente. Vários artigos já associaram a obesidade a vários tipos de câncer e de outras patologias. [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Ceguei na ginecologista outro dia, no mesmo segundo que ela olhou para mim ela já disse “você está MUITO acima do peso, precisa emagrecer com urgência!” Me passou exames de glicose, colesterol, triglicédeos, tudo o que vcs podem imaginar e adivinha? Tudo perfeito, muito melhor do que o da minha irmã que é magra e padrão! Como eu não podia ir na consulta de retorno pq estava trabalhando,



minha mãe levou os exames para ela ver e ela mandou a seguinte: se a Bruna não emagrecer URGENTE ela vai MORRER DE INFARTO. Detalhe: tenho 24 anos, sou vegetariana, me alimento super super super saudável. Pessoas gordofóbicas tentam refutar suas provas de que está saudável a todo tempo, impressionante... olha pra vc e diz que, se é gordo está doente, se você não está doente então vc VAI MORRER, pq como pode um gordo viver feliz e em paz? Muito difícil, viu. Em compensação, minha irmã que é magra ninguém nunca diz nada e ela tem problemas graves de triglicerídeos e colesterol, pq é magra mas não come NENHUMA fruta, NENHUMA verdura, NENHUM legume, é só arroz feijão e frango. [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

É importante frisar que alguns comentários que criticam a gordofobia se valem do discurso *body positive* para defender os direitos das pessoas gordas, ao passo que também é utilizado para limitar até onde ela pode ser aceita, considerando a ideia de que essa pessoa pode se sentir bem (esteticamente) desde que tenha saúde.

[Resposta ao relato reproduzido no último comentário] Cara, eu sou a favor de todo mundo ser feliz como quiser. E eu não estou aqui para defender todos os médicos. Porém é estatisticamente provado em diversos estudos que obesidade é FATOR DE RISCO para várias doenças. Não quer dizer que vc vá tê-las só por isso, que vc vá morrer, nem nada disso. [...] [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Corroborando o que vimos anteriormente com Jimenez (2020), Goffman (2019) e Butler (2019) sobre o estigma como controle e a vigilância sobre os corpos gordos e o repúdio fundante em si mesmo. Além das mensagens de amor-próprio e as críticas a gordofobia, nos chama atenção as mensagens icônicas das webtiras que trazem representações em maioria de características de identidades sociais diversas, minoritariamente relacionadas ao padrão branco cis heteronormativo. O que sugere a preocupação da quadrinista em fazer representações que contemplem diferentes características e eixos identitários femininos mesmo quando não são estas hastes as iluminadas pelo giro da roleta interseccional, como no caso das webtiras levantadas que abordam temáticas relacionadas ao peso mas que são protagonizadas por mulheres negras. Tendo em vista que esta representação parte sobretudo da intencionalidade da artista, visto que os relatos são anônimos e de acesso único de Laura Athayde, não sendo possível as pessoas leitoras identificarem ou conhecerem as características das pessoas cujos relatos inspiram a *webcomic*, ou mesmo os trechos que foram adaptados ou retratados na íntegra.





## Considerações Finais

A partir deste estudo, foi possível observar que há uma preocupação expressa, através dos comentários que dialogam com os preceitos do movimento *body positive*, em defender a liberdade dos corpos em relação aos padrões de beleza, com ênfase para o amor-próprio e bem-estar. Evidencia-se também, nas representações dos relatos através da *webcomic Aconteceu Comigo*, a relação e tensionamentos da pressão estética com outras formas de opressão, quando visto sob uma perspectiva interseccional, dando subsídios para a investigação do modo como “as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. [...] A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (COLLINS; BILGE, 2020, p. 19).

Como indica Boff (2014), as histórias em quadrinhos se apresentam como importantes ferramentas de análise social, sendo elas mesmas análises sociais. Considerando que a *webcomic Aconteceu Comigo* traz indicativos de experiências femininas localizadas espaço-temporalmente no contexto brasileiro no início da segunda década do século XXI, ao mesmo tempo que exprime a pluralidade dessas experiências dada a complexidade das subjetividades envolvidas na construção e interação com a narrativa: desde a idealização da autora; a colaboração de leitoras/seguidoras com seus relatos; relatos e representações de mulheres de diferentes raças, geolocalizações, classes sociais, sexualidades, entre outros; a interação com as webtiras nas redes sociais, etc. E evidencia a importância do reconhecimento desta pluralidade, tendo em vista que não existe uma identidade feminina universal.

Nos relatos sobre gordofobia analisados nas webtiras de *Aconteceu Comigo*, existe nos comentários uma constante discussão e vigilância pautados pelo discurso da saúde. Percebe-se uma tensão entre os que criticam a gordofobia e os que defendem o corpo livre desde que esse corpo seja saudável. Em alguns comentários se lê afirmações de que nenhum corpo gordo é saudável, contudo, um comentário chama atenção:





---

“Mesmo se a pessoa não estiver com os exames 100% NINGUÉM.TE.DEVE.SAÚDE” [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Utilizando-se do discurso médico de saúde, há uma legitimação da constante vigilância sobre os corpos gordos e essa vigilância expressa em comentários das leitoras e leitores evidencia que o *corpo gordo* ainda é oposto de *corpo livre*. Além disso, investigações acerca dos discursos sobre o próprio movimento *body positive* são pertinentes a fim de reconhecer e desenvolver acepções acerca dos discursos interseccionais de poder que são englobados e atribuídos a noção de *corpo livre*.

---

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. (Col. Feminismos Plurais)

ALMEIDA, Maiara Alvim de. **Leitores e autores na era da web 2.0: webcomics, narrativas hipertextuais e participação**. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

ARRUDA, Agnes. **O Peso e a Mídia: as faces da gordofobia**. 1ª. ed. São Paulo: Alameda, 2021.

ATHAYDE, Laura. **Aconteceu Comigo: histórias de mulheres reais em quadrinhos**. São José do Rio Preto-SP: Balão Editorial, 2020.

ATHAYDE, Laura. [@ltdathayde]. In: Instagram (jun. 2018 – out. 2021). Disponível em: [Laura Athayde \(@ltdathayde\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos**. 2014. 320f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BUTLER, Judith. Introdução. In: BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: N-1 Edições, 2019. p. 15-53.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2198. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.



COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

CWYNAR-HORTA, Jessica. The Commodification of the Body Positive Movement on Instagram. **Stream: Interdisciplinary Journal of Communication**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 36–56, 2016. DOI: 10.21810/strm.v8i2.203.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro, Lamaprina, 2020.

JIMENEZ, Malu. **Lute Como uma Gorda**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2020.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

KLEEFELD, Sean. **Webcomics**. Londres: Bloomsbury Academic [ Bloomsbury Comic Studies], 2020.

LORDE, Audre. Não Existe Hierarquia de Opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VAREJÃO, Adriana. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 357-377

MESSIAS, Carolina Ito. **Um panorama da produção de quadrinhos publicados na internet no Brasil**. 2018. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PAIM, Mariana. S. Magra de Ruim e as (Re)Invenções de si. In: MARINO, D.; MACHADO, L. **Mulheres e Quadrinhos Universidade**. São José: Skript, 2020. p. 57-71.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos**: uma história de peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016



---

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, Luiza de. **Arlindo**. São Paulo: Seguinte, 2022.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra mulheres. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.